

ORGANIZAÇÃO
BETH BRAIT

BAKHTIN, DIALOGISMO E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

2ª EDIÇÃO REVISTA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
FERNANDO FERREIRA COSTA

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial
Presidente
PAULO FRANCHETTI

ALCIR PECORA – ARLEY RAMOS MORENO
JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN
LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – WILSON CANO

EDITORA UNICAMP

✖ 58458

BAKHTIN E A NATUREZA
CONSTITUTIVAMENTE
DIALÓGICA DA LINGUAGEM*

*Beth Brait***

Pode-se lá, porém, permitir que a palavra nasça do amor da gente, assim, de broto e jorro: aí a fonte, o miriquilho, o olho-d'água; ou como uma borboleta sai do bolso da paisagem?

GUIMARÃES ROSA

A busca da compreensão das formas de produção do sentido, da significação, e as diferentes maneiras de surpreender o funcionamento discursivo impeliram Bakhtin na direção de uma estética e de uma ética da linguagem que, mesmo tendo nos estudos a respeito de Rabelais e Dostoiévski um elevado grau de sistematização e, no gênero romance, o ápice da elaboração, não deixaram de examinar também a sistematicidade do discurso cotidiano, contribuindo, portanto, para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e de seus estudos.

Se os termos sentido e significação têm, para os estudos lingüísticos em geral, diversas possibilidades de enfoque, no quadro da produção de Bakhtin, tanto nas obras que são por ele assinadas quanto nas que lhe são atribuídas apesar das várias assinaturas, a dificuldade de situar esses conceitos é bastante grande, levando-se em conta o fato de Bakhtin ter diante do mundo e particular-

* Este trabalho, apresentado com algumas modificações no Colóquio Internacional Dialogismo: Cem Anos de Bakhtin, constitui um resumo de um ensaio maior que integrará a obra coletiva *Diálogos com Bakhtin*, a ser publicada, também em comemoração ao centenário do pensador russo, em Curitiba, pela Editora da UFPR.

** Professora da Universidade de São Paulo.

mente diante da linguagem uma postura que articula estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos, não permitindo que suas reflexões sobre o sentido sejam sistematizadas unicamente sob uma perspectiva lingüística ou mesmo lingüístico-literária.

O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência lingüística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem lingüístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entrecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Bakhtin não tem apenas um interesse específico pela produção estética e pelas formas de estudá-la; tem também, ao longo de seu percurso, intrincados diálogos filosóficos com várias tendências, como é o caso do neokantismo, da fenomenologia, do marxismo, do freudismo e, ainda, com outras áreas do conhecimento florescentes em sua época, caso da lingüística, da estilística, da biologia, da física e da matemática. Todo esse universo científico e cultural deixa marcas tanto no que diz respeito ao vocabulário incorporado e adaptado a seus estudos quanto à possibilidade de tentativas de decifrar o projeto que está por trás de seus escritos, incluindo produção de sentido, significação, autoria, discurso, enunciação, gêneros, atividade interativa etc.

Neste trabalho, conservando inteira fidelidade à idéia já apresentada em trabalhos anteriores de que “a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico” (Brait, 1994, p. 11), procurarei rastrear alguns dos momentos em que as questões relacionadas ao sentido e à significação aparecem no diversificado percurso reflexivo do autor, sinalizadas necessariamente a partir de conceitos que envolvem o que hoje definimos como dialogismo,

polifonia, interdiscurso, heterogeneidade e que, se nem sempre correspondem a palavras estabelecidas pelo autor, constituem ao menos sínteses das idéias que mobilizam seus trabalhos.

O objetivo não é traçar um panorama propriamente dito, mas esboçar a reconstituição de algumas das constantes que funcionam como indícios de que um dos eixos do pensamento bakhtiniano está justamente na busca das formas e dos graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem. Entre esses indícios estão, sem dúvida, a preocupação com dimensão histórico-ideológica e a conseqüente constituição sígnica das ideologias; a insistência na discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra; a tentativa de oferecer elementos para uma reflexão sobre os gêneros discursivos; a interdiscursividade como condição de linguagem.

Considerando os textos conhecidos até agora e traduzidos para o Ocidente, bem como a multiplicidade de comentários e novas obras produzidas a partir das questões apontadas acima, duas indagações básicas norteiam essa reconstituição, podendo ser explicitadas da seguinte maneira: a) como pode ser rastreada a questão do sentido e da significação nos trabalhos de Bakhtin e/ou no que foi por ele incorporado da produção do chamado círculo de Bakhtin? b) De que maneira é possível entrever ou esboçar um “projeto em torno do sentido” no conjunto, na diversidade e na complexidade dos textos conhecidos até hoje?

Para tentar articular algumas das respostas possíveis, começo recorrendo a uma obra recentemente traduzida e que se intitula *Toward a philosophy of the act* (Bakhtin, 1993), passando em seguida a algumas outras, como é o caso de *The formal method in literary scholarship*, *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Problemas da poética de Dostoiévski*.

Toward a philosophy of the act é o fragmento de um ensaio filosófico inacabado, datado de 1919 e recuperado de um conjunto de anotações encontradas em estado deplorável no arquivo de Bakhtin. Esse texto foi publicado pela primeira vez em 1986, no anuário

Filosofia e Sociologia de Ciência e Técnica, teve uma tradução parcial para o português na revista *Ciências Sociais*, sob o título “Acerca da filosofia do acto” (Bakhtin, 1987), e, mais recentemente, foi traduzido e editado nos Estados Unidos.

É um importante trabalho, como afirmam os organizadores do volume em língua inglesa, tanto para “os que se interessam por Bakhtin enquanto figura basilar no que diz respeito ao conceito de dialogismo, quanto para os que se interessam pelas relações existentes entre filosofia e teoria literária, particularmente no que se refere à problemática relação entre estética e ética” (Bakhtin, 1993, p. viii). Assim, o interesse pela questão do sentido e da significação, que nesse pensador russo passa, necessariamente, pela questão do dialogismo, está aí insinuado, podendo ser vislumbrado nas posições filosóficas explícita ou implicitamente assumidas e alinhavadas no decorrer desse difícil texto.

Inacabado, rasurado e escrito às pressas provavelmente entre 1919 e 1921, esse ensaio reconstituído e editado por Vadim Liapunov e Michel Holquist surpreende Bakhtin, como eles afirmam, *no ato — o ato de criação*, funcionando como uma espécie de marco zero do multifacetado pensamento bakhtiniano. Dentre os vários temas que pontuarão a obra do autor e que naturalmente serão revistos e mais ou menos formalizados ao longo dos anos e da profusão de escritos, estão alguns que funcionam como amostras iluminadoras de sua visão dialógica de mundo, como é o caso de “diálogo entre existência e linguagem, mundo e mente, dado e criado”, que são aspectos observáveis nas discussões sobre autoria, responsabilidade, mesmo e outro, relação entre o mundo como experiência em ação e o mundo como representação no discurso.

O lugar que as preocupações com a língua vão ocupar em seus estudos pode ser pressentido, por exemplo, no seguinte trecho:¹

¹ As traduções aqui apresentadas, feitas a partir do inglês e exclusivamente para a utilização neste artigo, obedecem a uma certa “modulação” do pensamento bakhtiniano, podendo, naturalmente, sofrer modificações quando revistas a partir do original russo ou de uma tradução profissional para o português.

Historicamente, a língua desenvolveu-se como instrumento do pensamento atuante e dos atos performativos, e começou a servir ao pensamento abstrato somente numa fase histórica bastante recente. A expressão do ato performativo [do procedimento] de dentro e da experiência-evento singular em que esse procedimento decorre deve utilizar a palavra na sua plenitude: quer no seu aspecto semântico e de conteúdo (palavra como conceito), quer no representativo-expressivo (a palavra como imagem), quer no seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra) (Bakhtin, 1993, p. 31).

O que se pode observar nessas reflexões do jovem Bakhtin (ele tinha apenas 24 anos) é uma tentativa bastante nítida de, incursionando pelos tortuosos meandros filosóficos dominantes em seu tempo, fazer uma crítica à filosofia vigente e, a partir daí, tentar estabelecer uma síntese entre a sensibilidade, o ato vivido, e a razão, o sistema discursivo que reinstaura esse vivido. Se as questões ligadas à transcendência, à lógica, ao kantismo, ao neokantismo e à fenomenologia permeiam todo o texto, o autor opõe a uma filosofia baseada na “pureza teórico-abstrata do procedimento” (Bakhtin, 1993, p. 32) uma filosofia que possibilite a descrição de um evento em sua forma ativa. Essa é justamente a tônica que, a meu ver, sugere as bases para uma “filosofia da linguagem” que, sem ter sido didaticamente formalizada, inclui, como acontece na seqüência dos trabalhos de Bakhtin ou nos que são a ele atribuídos, uma semiótica das ideologias, flagrada precisamente no intercurso social e nas manifestações de linguagem aí produzidas.

As observações sobre a língua, citadas anteriormente, assim como as que se referem à palavra, são exemplos das primeiras reflexões que orientam, em outras obras, a constituição de um conceito de linguagem ligado ao esboço de uma teoria do conhecimento, incluindo as questões da relação dos sujeitos com o mundo e a dimensão assumida pela linguagem nessa relação que, sem dúvida, vai incorporar, mais tarde, o conceito de enunciação enquanto interação:

[...] a palavra integral não conhece um determinado objeto na sua globalidade. Só pelo fato de eu ter falado dele, a minha relação para com

ele deixou de ser indiferente, tornando-se interessada e ativa. Por isso, a palavra, além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação (a palavra realmente pronunciada vem obrigatoriamente associada a determinada entonação que decorre do próprio fato de ser pronunciada), exprime ainda a minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa, e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva (Bakhtin, 1993, pp. 32-33).

[...]

Nenhum conteúdo poderia ser realizado, nenhuma idéia poderia ser realmente pensada, se não fosse estabelecida uma ligação essencial entre o conteúdo e o seu tom emocional-volitivo, isto é, o seu valor realmente confirmado para o pensador. Experimentar ativamente uma experiência, pensar ativamente a idéia, significa não ser absolutamente indiferente a ela, significa afirmá-la como forma emocional-volitiva. O pensamento real atuante é o pensamento emocional-volitivo, o pensamento entoante, e essa entonação adere de um modo essencial a todos os elementos do conteúdo semântico da idéia no ato performado [do procedimento] e põe-se em relação com a experiência-evento singular. É precisamente o tom emocional-volitivo que orienta e afirma o semântico na experiência singular (Bakhtin, 1993, p. 34).

De que maneira seria possível enxergar a continuidade desse “esboço semiótico” em outras obras de Bakhtin, ainda que não as tenhamos conhecido na seqüência cronológica?

Para dialogar com esse texto “novo” de Bakhtin é possível recuperar *The formal method* e a perspectiva social da significação aí desenvolvida.

Como se pode ler na introdução à obra *The formal method in literary scholarship, a critical introduction to sociological poetics*, que é atribuída a Bakhtin e Medvedev, um dos projetos do círculo de Bakhtin era a “elaboração da ciência das ideologias baseada no marxismo”, o que se poderia traduzir em *sociologização da psicologia*, conforme aparece no *Freudianism*, datado de 1927, e numa *lingüística sociológica* desenvolvida em *Marxismo e filosofia da linguagem*, datado de 1929. O método formal seria, portanto, parte desse esforço para repensar o estudo da cultura, o que significa a construção de uma perspectiva social, marxista do sentido e da significação.

Dedicada à linguagem em geral e à estética em particular, essa obra de autoria discutível, mas produto indiscutível do círculo de Bakhtin, interessa-se pelas características e formas do intercurso social pelo qual o significado é realizado. Nesse sentido, procura explorar a idéia e centrar a discussão no fato de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado. Assim sendo, “o significado da palavra está também ligado à história através do ato único de sua realização...” (Bakhtin e Medvedev, 1978, p. 120).

A relação entre o conceito de linguagem presente nesse texto e o que está insinuado em *Toward a philosophy of act*, considerando-se o interesse pelas questões do sentido e da significação, parece residir na proposta de uma análise em que sejam levados em conta a história, o tempo particular, o lugar de geração do enunciado, de um lado, e os envolvimentos intersubjetivos que dizem respeito a um dado discurso, de outro. Este último aspecto foi denominado, no primeiro texto, “entonação”, “tom do discurso”. Na verdade, o que o texto enfatiza, para combinar essas duas dimensões — histórica e intersubjetiva —, é a avaliação social realizada pelo sujeito, que se configura como uma dimensão que “atualiza o enunciado do ponto de vista de sua presença factual, do ponto de vista de seu significado semântico e não somente enquanto palavra, forma gramatical, ou frase tomada em sua definição lingüística abstrata” (Bakhtin e Medvedev, 1978, p. 121).

Essa “avaliação social”, conceito retomado em vários outros momentos do conjunto das obras do autor, reitera a idéia de particularidade da situação em que se dá um enunciado, envolvendo uma atividade que poderíamos traduzir como “competência avaliativa e interpretativa de sujeitos em processo interativo”, ou, mais simplesmente, o julgamento da situação que interfere diretamente na organização do enunciado e que, justamente por isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação. A idéia de que “a criação ideológica não existe em nós, mas entre nós” (Bakhtin e Medvedev, p. 8), parece exemplar no que diz respeito

ao permanente diálogo existente entre indivíduo e sociedade, dimensão que a linguagem se encarrega de instaurar e mobilizar.

Na seqüência dos trabalhos de Bakhtin, é possível perseguir e recuperar o encaminhamento dado a esse conceito de linguagem, especialmente se levarmos em conta as obras *Marxismo e filosofia da linguagem*, assinada por Voloshinov e publicada em 1929, e *Problemas da poética de Dostoiévski*, assinada por Bakhtin, ele mesmo, que teve uma primeira edição também em 1929 e uma segunda em 1963, em que se pode observar mais filosofia da linguagem que propriamente marxismo.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, é o conceito de linguagem enquanto “enunciação”, “interação” e a necessidade, a partir daí, de seu enfrentamento com um instrumental diferente do da lingüística saussuriana ou da estilística tradicional que constituem os dois pólos que vão dar continuidade às questões de método e ao delineamento do dialogismo insinuado especialmente no texto *Toward a philosophy of act*.

É bem verdade que se trata de um livro sobre as relações entre linguagem e sociedade, que visa responder “em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental, em que medida a ideologia determina a linguagem”, interessando-se pela natureza social dos fatos lingüísticos, o que significa entender a enunciação indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. Entretanto, as idéias de que na palavra se confrontam os valores sociais e de que a comunicação verbal é inseparável de outras formas de comunicação permitem não apenas evoluir para as questões do plurilingüismo, dos conflitos no interior de um mesmo sistema e dos diferentes registros existentes no interior desse complexo, como também ancorar a questão do dialogismo numa dupla e indissolúvel dimensão.

Por um lado, o diálogo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo

como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.

As formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual das variações estilísticas configuram em *Marxismo e filosofia da linguagem* um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa, entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, se realizam nas e pelas interações entre sujeitos. Sob essa perspectiva, a natureza do fenômeno lingüístico passa a ser enfrentada em sua dimensão histórica, a partir de questões específicas de interação, da compreensão e da significação, trabalhadas discursivamente.

Nesse ponto é preciso fazer justiça à elegância e à pertinência com que Bakhtin, para tentar uma formalização de seu próprio conceito de linguagem, empreende uma crítica ao que ele considera as duas grandes formas de enfrentamento dos estudos da linguagem e que são por ele denominadas “objetivismo abstrato” e “subjetivismo idealista”.

Ao contrário do que admiradores e detratores de Bakhtin tentam enfatizar a partir de leituras datadas e teoricamente comprometidas, as críticas às duas tendências não têm por função demolir a perspectiva dos estudos lingüísticos e estilísticos longa e criteriosamente desenvolvidos por essas duas grandes tendências. O que se observa é que, ao assinalar determinados aspectos marcantes

dessas duas vertentes, Bakhtin tem em mira uma terceira via de enfrentamento das questões da linguagem, que não se restringiria à formalização abstrata nem às especificidades dos talentos individuais. Mas em nenhum momento ele despreza a contribuição desse conjunto de estudos, reconhecendo, como demonstra o conjunto de suas obras, o papel da língua na constituição do universo significativo e o papel da literatura enquanto gênero discursivo privilegiado no que diz respeito à representação da complexa natureza dialógica da linguagem.

É também a partir da seleção e montagem desses mosaicos constitutivos da concepção de linguagem de Bakhtin, das formas como sentido e significação vão pontuando os textos, que é possível resgatar mais um elemento desse disperso conjunto, isto é, a idéia de que “a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos, na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação”.

A obra *Problemas da poética de Dostoiévski* — publicada no mesmo ano de *Marxismo e filosofia da linguagem*, o que indica, quer pensemos em Bakhtin, quer no seu círculo, que os problemas relacionados à reflexão sobre a linguagem e aos métodos propícios a seu estudo constituíam uma constante — aparece não apenas como mais um importante estudo sobre Dostoiévski, mas como o desenvolvimento, através de uma produção individual, das questões relacionadas ao dialogismo, nos sentidos já especificados acima, o que inclui as formas e os graus de representação da heterogeneidade da linguagem.

Mesmo tendo o romance como o gênero privilegiado para a representação artística dessa heterogeneidade constitutiva e um autor russo como o talento individual capaz de realizar essa façanha, as lições aí formalizadas não se limitam à linguagem literária, mas estendem-se, enquanto categorias discursivas, a qualquer discurso, literário ou não, descontadas as especificidades da escritura do criador de *Crime e castigo* aí objetivadas. Assim, para poder trabalhar as formas de construção do sentido em Dostoiévski, Bakhtin discute

questões ligadas ao método de estudo dos discursos, questões de gêneros dos discursos, questões de tipos de discursos na prosa, aspectos que alimentam os conceitos de polifonia, de dialogismo e de heterogeneidade como participantes da natureza da linguagem.

No capítulo 5, intitulado “O discurso em Dostoiévski”, é possível observar, além das análises realizadas ao longo de todo o texto, algumas afirmações que reiteram o interesse de Bakhtin pelos estudos da linguagem de uma forma ampla, sem exclusão da formalização lingüística ou das especificidades estilísticas:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária [grifo nosso] de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subseqüentes não são lingüísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo — ainda não constituído em disciplinas particulares definidas — daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam — de modo absolutamente legítimo — os limites da lingüística. As pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar os seus resultados. A lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado — o discurso, mas o estudam sob diferentes aspectos e sob diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muita freqüência (Bakhtin, 1981, p. 157).

Descortinar um projeto de estudo das formas de construção e produção do sentido no conjunto dos escritos bakhtinianos é uma tarefa árdua, mas não impossível, uma vez que tanto no texto de 1919, *Toward a philosophy of the act*, quanto nos que aqui foram indicados e nos demais (não incluídos neste estudo por uma questão de espaço) o ouvido do leitor é sempre provocado por um conjunto de vozes, nem sempre harmoniosas, que apontam insistentemente para a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- . *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1981.
- . “Acerca da filosofia do acto” (versão portuguesa), *Revista Ciências Sociais*, nº 4, vol. 37. Moscou: Academia das Ciências da URSS, Nauka, 1987, pp. 142-62.
- . *Toward a philosophy of the act*. Tradução e notas Vadim Liapunov. Ed. Vadim Liapunov e Michael Holquist. Austin: University of Texas, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail e MEDVEDEV, P. N. *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Trad. Albert J. Wehrle. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1978.
- BERNARD-DONALDS, Michael F. *Mikhail Bakhtin: between phenomenology and marxism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- BRAIT, Beth. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”, in Barros e Fiorin (orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 11-27.
- CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michel. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1984.
- PEYTARD, Jean. *Mikhail Bakhtine: dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.

SIGNIFICAÇÃO E FORMA
LINGÜÍSTICA NA VISÃO DE BAKHTIN

Luiz Francisco Dias*

Introdução

Procuramos, no presente trabalho, levantar algumas questões relativas à *significação na linguagem*, um dos temas desenvolvidos por Bakhtin (1929) no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*. Para isso, apontaremos percursos no texto de Bakhtin que nos permitem chegar a uma concepção relativamente coesa do pensamento do autor no que se refere ao problema da significação na linguagem. Dissemos “relativamente” coesa porque é notório o fato de que nos textos de Bakhtin a configuração dos conceitos não se faz acompanhar da configuração de uma rede de ligações temáticas, da forma como pregam os nossos manuais de redação. Sendo assim, a leitura da obra de Bakhtin envolve a construção de “trilhas” por onde se possa “perseguir” determinado tema no desenvolver dos capítulos do livro.

Procuramos ainda fornecer algumas indicações para o tratamento do problema da significação em alguns momentos da história da reflexão sobre a linguagem, particularmente no âmbito da semântica e dos estudos do discurso.

Para isso, vamos refletir sobre o conceito de *mobilidade específica da forma lingüística*, formulado por Bakhtin, como um con-

* Professor da Universidade Federal da Paraíba — Campina Grande.